

*Meu corpo pelas cidades**(III – São Paulo)***Alisson Azevedo**

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

Saio de Goiânia, mas Goiânia não sai de mim. Se perto, toda cidade é melhor que a minha.

Se longe, nenhuma cidade é páreo pra minha.

(Pode-se substituir Goiânia pela mulher amada -- e perdida --, que a conclusão será a mesma.)

O clichê é inevitável: em São Paulo, “alguma coisa acontece no meu coração”. Neste meu coração vencido pelo amor da mulher amada, que era pouco e se acabou. Por aqui, leitora minha, tudo é clichê e desalento... Desembarco na Estação Tietê.

Por certo havia um rio por lá. O Tietê? Agora há só uma estação sem chuvas e muitos paulistanos perdidos.

Aliás, para cada estação, há muitos paulistanos perdidos. Eu, embora não seja paulistano, também me encontro perdido na estação.

Mas é como diz o Zeca Baleiro: “Melhor é dar perdão a quem perdeu”. (Será que ela vai me perdoar?)

O metrô, como o bonde de Drummond, “passa cheio de pernas/ Pernas brancas, pretas, amarelas / Para que tanta perna, meu Deus?

Pergunta meu coração”. Estação da Luz, enigma que o autofalante decifra. Pra quê tanta escada, meu Deus?

Cadeirantes de todas as estações, uni-vos pela Santa Rampa, pelo São Elevador! Em Goiânia não há metrô, e são poucas as escadas.

Também são poucas as calçadas sem buracos. Ai de mim que sou andante! E romântico. Agora é Estação Ana Rosa, berra o pregão.

E eu me lembro da Rosa do Chico: “A falsa limpou a minha carteira”. Lembrança fora de hora -- e de lugar. Mulher amada em

Goiânia não há mais: já era. A insossa voz avisa: agora Estação Paraíso. Terei perdido o meu para sempre?

Senhora, “por que me abandonaste? / se sabias que eu não era Deus / Se sabias que eu era fraco”. Vila Mariana. Viva Mariana!

Eis uma rima fácil para uma vaga esperança. Mariana, a rapariga dos olhos ansiosos. Se casou na semana passada. Me mandou um

telegrama do Alabama. (Prefiro rimas fáceis a amores difíceis). Estação Capão Redondo – Vai indo que eu não vou.

Ainda guardo no coração aquele antigo medo classe-média. Dizem que por lá é “nego drama / entre o sucesso e a lama”. “...saída à esquerda do vagão”. Será a Praça da árvore? Ainda bem que não ando só: dois vagabundos, o Nei e eu, vagões adentro, vagões afora.

Vagamundo! Na Praça da Árvore chove uma chuvinha imaginária a que costumam chamar garoa.

Não dá pro gasto, mas já é um alento. “São Paulo, terra boa, a terra da garoa”. A rima fácil não perdoa, e meu coração ainda é uma porta da esperança. Que brega que eu sou... Na árvore da praça recuperamos nosso tesouro escondido. Se fosse no Capão Redondo

era caso de polícia, mas por aqui não tem crime nem castigo. No bar do Pincel, os amigos do Nei me desenham um coração

corintiano. É falso, mas não deixa de ser um coração reserva, já que o titular anda meio mal das pernas.

Bebo na Praça da República. São radiantes as amigas do Nei. Desprezo meu luto e ensaio um flerte: Ravena, bela morena.

Meu luto mal elaborado se mistura à proverbial sisudez das beldades paulistanas. Quero voltar mesmo é pra minha Goiânia,

aquela Ítaca sem Penélope. “Sua mãe não veio”, me diz o Nei. Estou no divã dos insights desajustados, dos desejos inviáveis,

dos sonhos sem interpretação. Um divã sem analista. Ouço Belchior: “Os pés cansados e feridos de andar légua tirana / De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa”. Enquanto leio a Ode Marítima - do Pessoa -, descemos a Santos: lá sou amigo do Nei. Praia, sol e cerveja.

E os novos amigos de infância me protegem dos excessos: de praia, de sol, de cerveja. E de cidades, e de saudade...

Volto a São Paulo, a cidade dos excessos. Até a falta d’água é um excesso. E o recesso da chuva; e a chuva, quando vem.

Mas aprendo com Criolo o que faz falta: “não existe amor em São Paulo. Os bares estão cheios / de almas tão vazias / A ganância

vibra, / a vaidade excita”. Também não existe mais amor em Goiânia. Mas quero voltar, quero abandonar a rima fácil:

“pra quê rimar amor e dor?”. Socorro, Anhanguera! Quero meu eixo de volta; quero o campo perto do campus; quero os vilarejos da minha metrópole: Bonfinópolis, Guapó, Santo Antônio de Goiás – o santo da minha salvação.

Paulistano só por um instante, me perco a cada estação, a ver navios que não existem. São Paulo não tem mar; Goiânia não tem mar.

Nem metrô, nem os amigos do Nei, nem o sebo do Messias. Mas em Goiânia ainda pode existir um novo amor.

Sentirei saudade daquele túmulo do samba, mas “só um novo amor pode a saudade apagar”.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*